

## POR UM NOVO ENSINO DE ENGENHARIA

Tese da célula da União dos Estudantes Comunistas do  
INSTITUTO SUPERIOR DE ENGENHARIA DE LISBOA

Devido á grave situação em que se encontra neste momento o ensino em Portugal, pensamos que uma tese a apresentar neste encontro, deverá ser antes de mais, um guia para a acção, que lance as perspectivas imediatas para a saída do impasse a que certas escolas chegaram.

Foi neste sentido que a célula da união dos estudantes comunistas do ISEL decidiu apresentar esta tese, ainda que muito suscinta devido ao pouco tempo para a elaborar, pensando assim contribuir para o avanço do processo da construção das novas escolas que são os ISE.



No actual processo revolucionário que estamos a atravessar as grandes massas estudantis tomaram a seu cargo e nas suas próprias mãos o encabeçamento de toda a luta por um ensino antimonopolista e antilatifundiário, por um ensino popular. Toda esta luta desenvolvida por várias escolas atinge o seu ponto político mais específico nos ISEs antigos IIs (Institutos Industriais) devido não só às classes que neste momento ali estão representadas mas também pelo volume e qualidade de trabalho ali desenvolvido.

Neste momento e depois de toda a reestruturação levada a cabo dentro destas escolas elas são realmente escolas vivas e progressistas, escolas essas onde se deu uma forte machadada em toda a estrutura classista de ensino.

Com o desmoronar desta estrutura abre-se o caminho para a institucionalização de uma via única de engenharia, primeiro passo para a consolidação de um ensino unificado, um ensino verdadeiramente antimonopolista e antilatifundiário grande vitória das forças progressistas, pela R.G.D.E..

Assim têm estes Institutos importante papel a desempenhar na formação do técnico novo, do técnico altamente especializado e que uma vez no mundo do trabalho será verdadeira-mente o técnico engenheiro tecnicamente capaz e politicamente consciente.

De tudo o que expusemos atrás deixamos transparecer todo o excepcional interesse que o País terá na formação destes técnicos, mas não deixaremos de lembrar que todas as conquistas alcançadas pelos estudantes poderão ser sabotadas ou inexoravelmente reduzidas, se as escolas não dispozerem do volume de verbas realmente necessárias ao bom funcionamento das aulas, nomeadamente no que respeita á contratação de professores.

Não foi só no ensino que encontramos situações caóticas pois elas verificam-se em toda a sociedade portuguesa daí os graves problemas que neste momento se levantam à efectivação de um funcionamento pleno dos ISEs, pois um dos problemas que se nos deparam é a falta de verbas que permitam a transformação radical nas nossas escolas.

Os estudantes dos ISEs estão conscientes que essas carências monetárias não poderão ser completamente sanadas enquanto não se banir toda a estrutura capitalista na sociedade portuguesa.

Não devem os estudantes neste momento servir-se de tal situação para a paralisação de tais escolas, mas sim apontarem para soluções que embora de carácter provisório possam permitir o funcionamento das mesmas, dando todo o seu contributo para a derrocada das classes que oprimem e exploram o povo português.

Assim parece-nos correcto neste momento o recurso a pessoas ligadas a outros estabelecimentos de ensino ou centros de investigação e á indústria controlada pelo estado para em regime de regência substituírem ou superarem as carências de pessoal docente e técnico, o que forçosamente iria aliviar o orçamento escolar permitindo assim a aplicação de dinheiros a material técnico.

Grande contributo poderia ser também dado pelos estudantes e professores se estes nas suas actividades laboratoriais e oficinais construíssem material técnico e não só que podesse vir a ser utilizado por estas escolas e outras como material didático.

Para a defesa intransigente dos objectivos que as largas massas de estudantes dos IIs definiram, torna-se necessário tomar medidas para que as novas escolas que acabamos de rejuvenescer não vinham a ser assaltadas pelas elites burguesas em decadência.

Para tal são objectivos imediatos.

1º-Que o acesso aos ISEs seja dado aos estudantes vindos dos cursos industriais e secções preparatórias, e ainda principalmente, aos trabalhadores estudantes que sempre lutaram pelo acesso ao ensino superior o que sempre lhes foi negado.

2º-Que a entrada aos estudantes que vêm dos liceus lhes seja condicionada de acordo com a sua preparação prática.

Tudo isto porque os estudantes trabalhadores e os estudantes das escolas técnicas vêm de um modo geral iniciados em toda a actividade industrial.

O ensino ministrado nestes ISEs, dentro do espírito do novo técnico que se pretende, deve ser um ensino virado a prática, que esteja especialmente ligado à produção.

Isto porque além de se desejar um técnico altamente qualificado se possa contribuir para o rápido desenvolvimento económico do país, através deste novo tipo de ensino, vai tomando contacto com as realidades nacionais, vai ser ganho para o lado do povo trabalhador, e sob a sua direcção, participar na luta deste por uma sociedade mais justa; a sociedade socialista.

Mas a formação deste novo técnico é impossível com a existência de um tipo de ensino essencialmente teórico e fechado.

O que propomos é que haja uma interligação entre a escola e a produção. Assim consideramos que todo o plano de estudo deverá ser acompanhado através de colloquios e aulas práticas por técnicos profissionalmente ligados ao campo industrial; variadas visitas de estudo; alguns mini-estágios; e principalmente o aproveitamento de parte do tempo de férias na resolução de projetos de carências imediatas das populações rurais.

Também no campo da investigação em Portugal muito há que criar. Até agora é quase inexistente uma investigação nacional, tem-se limitado a andar a reboque da investigação imperialista.

Urge por termo a esta situação além de que para se poder ter um forte sector industrial nacionalizado é necessário a existência de técnicos votados à causa da revolução que possam assegurar o funcionamento em pleno desse sector.

É objectivo primordial ligar parte do ensino dos ISEs à investigação, iniciativa essa apoiada pelas empresas estatais que deverão por ao seu dispor tanto os meios materiais como técnicos especializados que irão colaborar em planos de estudo que defendemos sejam ligados à resolução de projetos dirigidos para os graves problemas nacionais.

É de realçar também a importância do intercâmbio de experiências e estudos com os institutos estrangeiros de preferência os dos países socialistas, pois nestes, devido ao seu sistema de ensino ser feito na base da ligação do trabalho intelectual com o trabalho manual podendo assim dar-nos uma ajuda preciosíssima no avanço da criação do novo ensino que se pretende.

Ensino esse que deve estar ao serviço do país e consequentemente do povo trabalhador.